



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CAMPUS IV-JACOBINA / COLEGIADO DE GEOGRAFIA

NILZA PEREIRA DOS SANTOS

**RELAÇÕES SÓCIOESPACIAIS: URBANIDADES NO RURAL NA COMUNIDADE
DE COXO DE DENTRO EM JACOBINA-BA**

JACOBINA-BA

2017

NILZA PEREIRA DOS SANTOS

**RELAÇÕES SÓCIOESPACIAIS: URBANIDADES NO RURAL NA COMUNIDADE
DE COXO DE DENTRO EM JACOBINA-BA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV do Curso de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientador (a) Me. Edvaldo Hilário dos Santos

JACOBINA-BA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade do Estado da Bahia
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog da UFC, mediante os dados fornecidos pela autora


S1r SANTOS, NILZA PEREIRA DOS.
RELAÇÕES SÓCIO ESPACIAIS: URBANIDADES NO RURAL
NA COMUNIDADE DE COXO DE DENTRO EM JACOBINA-BA /
NILZA PEREIRA DOS SANTOS. – Jacobina-BA, 2017.
57 f.: il. color.

Orientação: Prof. Ma. EDVALDO HILÁRIO DOS SANTOS.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade do
Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV,
Jacobina, 2017.

1. Configuração sócio espacial. 2. Campo Cidade. 3. Urbano e
Rural. I. SANTOS, Edvaldo Hilário dos. II. Título.

CDD 900

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.



FOLHA DE APROVAÇÃO

NILZA PEREIRA DOS SANTOS

RELAÇÕES SÓCIOESPACIAIS: URBANIDADES NO RURAL NA COMUNIDADE DE COXO DE DENTRO EM JACOBINA-BA

Aos _____ dias do mês de _____ do ano de 2017, às _____ horas e _____ minutos, na sala _____, do Campus IV do Departamento de Ciências Humanas (DCH) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as): Edvaldo Hilário dos Santos (presidente e orientador), Jacy Bandeira Almeida Nunes e Ivaneide Silva dos Santos, para avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação, da acadêmica **NILZA PEREIRA DOS SANTOS**, integrante do Curso de Licenciatura em Geografia e regularmente matriculada com o número _____. Após apresentação durante 15 minutos do TCC intitulado “**RELAÇÕES SÓCIOESPACIAIS: URBANIDADES NO RURAL EM COXO DE DENTRO MUNICÍPIO DE JACOBINA-BA**” a acadêmica foi arguida pela banca. Encerrados os trabalhos de arguição, os examinadores reuniram-se para avaliação em sessão secreta, para julgamento do trabalho. Computadas as notas, o presidente da Banca Examinadora proclamou a acadêmica _____ (Aprovado, Reprovado), com média _____, completando assim parte das exigências regimentais para a conclusão do curso de Geografia. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Jacobina-BA, _____ de _____ de _____.

Profº. Me Edvaldo Hilário dos Santos (UNEB/DCH/C-IV)
(Orientador)

Profª. Ma. Jacy Bandeira Almeida Nunes (UNEB/DCH/C-IV)
(Membro interno)

Profª. Ma. Ivaneide Silva dos Santos (UNEB/DCH/C-IV)
(Membro interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me mantido com saúde e fé, por ter me dado força e coragem nos momentos mais difíceis.

À minha família, meus amigos, especialmente ao Márcio de Jesus, o qual me acompanhou e me apresentou aos moradores da comunidade em que realizei a pesquisa, ao Professor Leandro Pereira da Silva que também me ajudou na produção do meu trabalho, a Professora Joseane Gomes de Araújo, a minha co-orientadora Jacy Bandeira Almeida Nunes e a Professora Ivaneide Silva dos Santos por participarem da minha banca e contribuírem significativamente para minha pesquisa. Agradecimento especial ao professor Edvaldo Hilário dos Santos por aceitar orientar uma pesquisa em curso vinda de uma orientação com outro docente desta instituição.

Agradeço ainda a toda à comunidade do Coxo de Dentro por participar desta pesquisa, disponibilizar e fornecer valiosas informações e apontar suas angustias, decepções e perspectivas.

Agradeço a todos que diretamente e indiretamente contribuíram para a realização da minha pesquisa.

Obrigada!

RESUMO

A pesquisa foi realizada na comunidade do Coxo de Dentro, município de Jacobina-BA, localizado a 15 km da sede municipal e tem como objetivo analisar a relação cidade campo identificando as urbanidades no rural na localidade, visando classificar e compreender esse espaço a partir da concepção dos moradores dessas localidades e o papel das instituições governamentais no local. Os achados permitiram constatar que os sujeitos da cidade estão cada vez mais buscando tranquilidade e recreação nos espaços rurais, e a população do campo procurando a cidade para trabalhar; resultando em uma ressignificação, em que o rural recebe novos sujeitos, recria novas unidades de emprego e renda, integra novos laços e culturas. A abordagem nos permitiu analisar as relações sociais, existente entre o campo e a cidade, assim como perceber as contradições e os significados dentro da análise, resultando numa pesquisa quali-quantitativa. A coleta dos dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas envolvendo rapazes que trabalham no comércio de Jacobina, mulheres que produzem e atuam na feira orgânica da cidade, além das pessoas de Jacobina que tem uma segunda residência na comunidade em questão e os resultados apontaram que a relação cidade campo tem alterado as relações socioeconômica-espaciais do rural com o urbano e atribuindo características urbanas à comunidade do Coxo de Dentro, através da especulação imobiliária, da pluriatividade dentre outras novas funções do rural. As consequências desse processo aparecem no uso indiscriminado e inadequado dos recursos hídricos, poluição sonora, intensa movimentação de carros e desmatamentos. Constatou-se ainda a imediata necessidade de intervenção mais direta do poder público no ordenamento territorial e do uso do solo, no rearranjo produtivo do lugar que é baseado na agricultura familiar, na extração e beneficiamento do coco babaçu.

Palavras-chaves: Configuração sócio espacial. Campo Cidade. Urbano e Rural.

ABSTRACT

The research was carried out in the community of Coxo de Dentro, municipality of Jacobina-BA, located 15 km from the municipal headquarters and aims to analyze the relationship between the city and rural areas in the locality, aiming to classify and understand this space from the conception of the residents of these localities and the role of governmental institutions in the locality. The findings showed that the subjects of the city are increasingly seeking tranquility and recreation in rural areas, and the population of the countryside looking for the city to work; resulting in a re-signification, in which the rural receives new subjects, recreates new units of employment and income, integrates new ties and cultures. The approach allows us to analyze the social relations existing between the field and the city, as well as to perceive the contradictions and the meanings within the analysis, resulting in a qualitative-quantitative research. Data collection was done through semi-structured interviews involving boys who work in the Jacobina trade, women who produce and perform in the organic fair of the city, in addition to the Jacobina people who have a second residence in the community in question and the results pointed out that the relationship between city and countryside has changed the socioeconomic-spatial relationship between rural and urban, and has attributed urban characteristics to the community of Coxo de Dentro through real estate speculation, pluriactivity and other new rural functions. The consequences of this process appear in the indiscriminate and inadequate use of water resources, noise pollution, intense car movements and deforestation. It was also noted the immediate need for more direct intervention of the public power in land use planning and land use, in the productive rearrangement of the place that is based on family farming, in the extraction and processing of babassu coconut.

Keywords: Social and spatial configuration. Countryside City. Urban and Rural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização do município de Jacobina	30
Figura 2 – Área compreendida como Coxo de Dentro	32
Figura 3 – Feira orgânica de Jacobina.....	33
Figura 4 – Palmeira do coco babaçu localizada numa área residencial	34
Figura 5 – Imagens da sede da Associação e dos seus produtos à base de babaçu.....	34
Figura 1 – Estrada de acesso ao Balneário Orlando Touro Coxo de Dentro	39
Figura 7 – Residência correspondente à área da figura 8	44
Figura 8 – Residência construída diretamente no curso do rio Coxo de Dentro	45
Figura 9 – Acesso ao Coxo de Dentre e construções residenciais as margens	46
Figura 10 – Construções residenciais às margens da estrada de acesso.	46
Figura 11 – Balneário Orlando Touro construído diretamente sob o curso do rio	48
Figura 12 – Balneário Orlando Touro, piscina feita com barramento do rio.	48
Figura 13 – Escolaridade dos entrevistados.....	50
Figura 14 – Renda mensal dos entrevistados.	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ASCOOB... Associação das Cooperativas de Apoio a Economia Familiar
- ACMACD... Associação Comunitária dos Moradores e Agricultores do Coxo de Dentro
- COFASPI... Cooperativa de Trabalho e Assistência à Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte
- GS Garantia Safra
- IBGE..... Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- INEMA Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos
- PRONAF ... Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
- PDDU..... Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Jacobina-BA
- UBCB Unidade de Beneficiamento do Coco Babaçu

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CONCEITO DE RURAL E DE URBANO.....	14
1.1 RELAÇÃO CIDADE CAMPO NA VISÃO DA GEOGRAFIA	17
1.2 RELAÇÕES SÓCIO ESPACIAIS, URBANIDADES NO RURAL.....	21
1.3 CONFIGURAÇÃO SOCIOESPACIAL E CARACTERIZAÇÃO DE ESPAÇO	23
2. METODOLOGIA.....	25
3. JACOBINA E A COMUNIDADE DO COXO DE DENTRO.....	29
3.1 UM BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE JACOBINA	29
3.2 LOCALIZANDO E ENTENDENDO O LUGAR	31
4. DINÂMICAS URBANO-RURAL EM COXO DE DENTRO	37
4.1 URBANIDADES NO RURAL EM COXO DE DENTRO	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

A relação campo-cidade sempre foi um dos objetos de estudo da Geografia e caracteriza-se como um fenômeno dinâmico e, portanto, de constantes transformações nas configurações socioespaciais, conferindo-lhe grande importância e propósito de estudos e pesquisas geográficas. Diante disso, essa pesquisa foi desenvolvida a partir de inquietações em discutir as urbanidades no rural, e os elementos que contribuem para que tais mudanças ocorram.

E assim, procuramos conhecer a realidade dos moradores da comunidade do Coxo de Dentro localizado entre as serras de Jacobina-BA região do Piemonte da Chapada Diamantina aproximadamente a 15 km da sede municipal na saída da cidade pela BR 324 (Figura 2). Trata-se de uma área pequena, com uma população de 193 habitantes segundo o (IBGE, 2010). A partir da rotina de alguns moradores da comunidade que trabalham na cidade, assim como daqueles que são da cidade de Jacobina-BA e foram morar lá ou passar finais de semana e feriados. Ou seja, o ir e vir: a relação cidade campo.

Há algum tempo a relação cidade campo tem se intensificado sob as influências da tranquilidade que o campo oferece, além da proximidade com a cidade de Jacobina esses sujeitos podem estabelecer residência fixa e/ou segunda residência. Consideramos assim essas duas razões como hipóteses que nos orienta a perceber que as novas relações socioeconômicas, socioespaciais e novas atividades estão atribuindo características urbanas ao campo.

Considerando que a dinâmica entre campo e cidade pode atribuir características urbanas ao campo. Entendemos assim, que a introdução de elementos urbanos como internet, TV via satélite, computadores, ar condicionado nas residências além de atividades não agrícolas, tem revelado uma imbricação campo-cidade. Nesse contexto, essa dinâmica nos convida a analisá-las a relação cidade campo a partir das intrincadas formas de produção do espaço rural, refletindo sobre os motivos que levaram os sujeitos a procurarem cada vez mais o campo e, sobretudo, perceber a importância da cidade de Jacobina para os moradores da comunidade.

Aponta-se neste estudo, a feira orgânica procedente do Coxo de Dentro como uma ponte que se estabelece semanalmente entre os moradores da comunidade com a cidade de Jacobina e vice-versa. Observa-se com isso, que a migração dos sujeitos da cidade rumo ao campo, nos permite acreditar que este esteja passando por uma ressignificação, em que o rural passa a ser local de residência e deixa de ser apenas lugar de fornecimento de matéria prima, passando a receber novos sujeitos, recriando novas unidades de emprego e renda, integrando novos laços e culturas e novas ruralidades.

O objetivo da pesquisa é analisar as urbanidades no rural na Comunidade do Coxo de Dentro e as novas dinâmicas da relação cidade campo; identificar as relações complementares e econômicas existentes entre as duas categorias; assim como procurar compreender o significado de morar no campo.

Partindo dos pressupostos da expansão das urbanidades ao campo associada às novas relações e atividades não agrícolas ao aumento cada vez mais de pessoas que estão indo morar ou passar finais de semana na comunidade e as funções que essas pessoas desempenham nesses espaços, ao mesmo tempo em que dão novas características ao local, percebemos que as transformações no rural brasileiro têm contribuído de forma significativa na valorização do campo.

As inquietações em realizar esse estudo, buscam compreender os elementos que comprovam as urbanidades na comunidade rural, uma vez que o campo não é apenas o lugar da produção agrícola, ele assume também várias funções urbanas, e uma delas é a pluriatividade. Esperamos que a pesquisa possa contribuir para a ciência geográfica, abrindo caminhos para novas pesquisas e possíveis práticas de desenvolvimento do campo por meio de implantação de políticas públicas, e investimento no extrativismo vegetal do coco babaçu.

O relatório final desta pesquisa encontra-se estruturado em três seções, em que no primeiro capítulo trata-se dos conceitos de rural e urbano, com base em autores, como Marta Inez Medeiros Marques (2002) e Priscila Bagli (2006). Abordam-se ainda sobre os fundamentos teóricos e conceituais, relações sócioespaciais e urbanidades, e uma breve caracterização Coxo de Dentro em Jacobina-BA.

O segundo capítulo traz a metodologia e o terceiro apresenta um breve histórico da cidade de Jacobina e sua relação com a comunidade, seguido da localização e do possível entendimento sobre o local estudado. O quarto capítulo traz os dados dos resultados da pesquisa. Dentro da estruturação desse trabalho, falaremos aqui sobre o método de abordagem qualiquantitativa, por nos permitir analisar as relações sociais existentes entre o campo e a cidade. A pesquisa qualitativa é defendida por Goldenberg (1997, p. 63) por ser “útil para identificar conceitos e variáveis relevantes de situações que podem ser estudadas quantitativamente”.

Portanto, a pesquisa trazer dados alguns gráficos, por isso, usamos a abordagem qualiquantitativa. Goldenberg defende que “os métodos qualitativos e quantitativos, nesta perspectiva, deixam de ser percebidos como opostos para serem vistos como complementares”. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa possui valor significativo, pois, “os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social” Goldenberg, (1997, p. 49). Essa compreensão não seria possível por meio da estatística.

As entrevistas foram semiestruturadas e aconteceram no mês de março de 2017 e ocorreram em mais de uma visita ao local, visando à familiarização e conhecimento melhor da comunidade e a rotina dos moradores. Sabendo que a comunidade possui uma população de 193 habitantes, a pesquisa contou com um universo de 18 pessoas com idade entre 23 a 72 anos, os quais representam a amostragem probabilística, ou seja, 9,32% o que representará o todo da população. A escolha das entrevistas nos possibilita através de uma análise dialética compreender o significado e sentido de procurar o campo como segunda residência e como espaço de lazer e recreação.

Vale salientar sobre a importância da metodologia na hora de realizar uma pesquisa, seja ela qualitativa, quantitativa, qualiquantitativa ou quantiquantitativa. Desta forma a metodologia não só direciona o pesquisador como também traz todo o planejamento desde o método até a análise dos dados.

1. CONCEITO DE RURAL E DE URBANO

Campo e cidade, rural e urbano são categorias geográficas que atualmente vêm sendo bastante discutidas diante das complexidades e especificidades assumidas no âmbito acadêmico. Pois, algumas definições preestabelecidas como “urbanização do campo” e “novo rural”, são decorrentes da migração dos citadinos para o campo resultando noutra configuração espacial.

As dificuldades de conceituar e definir rural e urbano são decorrentes de uma série de fatores que vão desde a forma diversificada em que esta realidade se apresenta no espaço e no tempo até as influências do homem quando este introduz sujeitos com diferentes práticas sociais. Nesse sentido, as relações se renovam e outros conteúdos traduzem as novas funções do rural, dando lugar à residência, ao espaço de lazer e a pluriatividade.

Um dos maiores desafios na realização deste trabalho foi encontrar bibliografia que trouxesse uma definição pronta e objetiva do que é rural e do que é urbano. Diante disso, procuramos formular uma definição mais simplória para o rural com base no que há de maior destaque no seu meio. Rural é o lugar onde se concentra as atividades agrícolas, é onde as “[...] relações cotidianas são construídas tendo como base uma imensa ligação com a terra [...]” (BAGLI, 2006, P. 87). A ligação com a terra que a autora se refere é também sobre uma lógica mais próxima da natureza. Engloba uma temporalidade diferenciada em que as tarefas do dia a dia são mais voltadas para o preparo da terra para o plantio, para o cuidado com as hortas e pomares.

Enquanto que urbano, é tudo aquilo que possui infraestrutura e está contido num perímetro urbano determinado por uma cidade. Para (BAGLI, P. 96, 98), o urbano se apresenta como expressão marcante da lógica do modo de produção. Nele o tempo é cronologicamente controlado [...], tudo se apresenta pelas leis ditadas pelo capital [...]. Os hábitos são construídos tendo como base uma lógica mais artificial que erige formas e funções próprias [...] ditadas pela divisão do trabalho. E assim, urbano e

rural nessa perspectiva se diferenciam pelas suas funções que se contrapõem e se complementam.

Entretanto, autores como Marques (2002), Bagli (2010), Noronha (2009), dentre outros, repensaram os conceitos de rural e urbano a partir das mudanças ocorridas nos últimos tempos. E perceberam que rural e urbano são práticas sociais. Logo, novas configurações se apresentam abrindo caminho para novas discussões sobre as referidas categorias. Isso implica numa imperativa e urgente necessidade em estudar esses espaços e suas interações, buscando encontrar respostas para as complexidades do fenômeno.

Existem algumas divergências ao modo como o rural é definido, para Marques, (2015, p. 99), “isto se deve a uma série de fatores que vão desde a forma diversificada em que esta realidade se apresenta no espaço”. Se analisarmos o rural a partir das transformações ocorrida em seu meio, a exemplo da pluriatividade, das construções de balneário para lazer e do local de residência. Diante disso, verifica-se que este não é apenas o lugar da produção agrícola, mas vem se desenvolvendo várias outras atividades não agrícolas, e novas relações socioeconômicas que muitas vezes são próprias do meio urbano.

As definições estabelecidas pelos estados são de caráter oficial, classificando os espaços em rural e urbano para fins estatísticos e administrativos, a exemplo do que faz o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), ao usar critérios tradicionais para tais definições discriminando-o a partir de determinado patamar populacional, mas também com base na predominância da atividade agrícola e por fim, a delimitação político-administrativa a qual é mais visível no senso comum.

É possível perceber que a adoção de critérios político administrativo no Brasil, segundo (Marques apud IBGE, 2015, p.97), considera urbana a sede dos municípios, e, portanto, definida como cidade, além de suas escalas que assumem definições como distrito, vila, povoado, dentre outras denominações.

O (IBGE, 2015) considera urbanizada toda área de vila ou de cidade, legalmente definida como urbana e caracterizada por uma infraestrutura tais como: construções,

arruamentos e intensa ocupação humana, as áreas afetadas por transformações decorrentes do desenvolvimento urbano e reservadas a expansão urbana. O órgão expõe sobre as características de áreas afetadas e reservadas a expansão urbana por transformações socioespaciais que decorrem justamente das condições físicas do lugar, da dinâmica estabelecida pelas pessoas na relação com o campo e a cidade.

Nas palavras de Rua, podem-se constatar, por ora, dificuldades em estabelecer uma caracterização clara do fenômeno, visto que a urbanização crescente e diferenciada no Brasil não permite total identificação do rural e do urbano. Aponta ainda sobre [...] “as diferenças na caracterização das áreas urbanas e rurais nos diversos países do mundo fazem com que não exista uma definição de população urbana aplicável a todos” (RUA, 2010, p. 57).

Na visão de Rosa e Ferreira (2006), rural e urbano são espaços que coexistem de formas distintas, pois

se admitirmos que o meio rural tornou-se diversificado, podemos afirmar que esse espaço comporta hoje distintas formas de existência e, nesse sentido, a diversidade do meio rural deve ser o objeto de discussões. É preciso considerar nesse caso, as disparidades locais e regionais do país. Tendo isso em vista, o campo é hoje espaço de riqueza e de pobreza, de luta pela terra e dos grandes latifúndios, do agrobusiness e da pequena produção, de produção de moradia, do trabalho e do lazer. (ROSA; FERREIRA, 2006, p. 190)

As autoras chamam a atenção para o fato de que alguns estudos não levam em consideração esses acontecimentos e acabam aproximando tal discussão do ponto de vista econômico. No entanto, se considerarmos apenas essa visão, estaríamos excluindo esses acontecimentos evidentemente negando a presença de novas formas de organização e produção do espaço rural, considerado aqui apenas o lugar da produção agrícola.

A forma como o rural está organizado revela que este comporta atualmente distintas atividades, a exemplo da pluriatividade, atividades recreativas como balneários e

hotéis fazenda dentre outros. Diante disso não podemos continuar enxergando o rural apenas como lugar da produção agrícola, mas como lugar de novas funções.

1.1 RELAÇÃO CIDADE CAMPO NA VISÃO DA GEOGRAFIA

Entre as diversas formas de organização do espaço encontram-se a relação cidade-campo, e fazendo-se necessário analisá-la para entender as diversas formas de organização desse campo. Mediante as distintas formas em que se apresentam as funções urbanas e as funções rurais contidas num mesmo espaço.

Na contemporaneidade, [...] a cidade se caracteriza como centro de acumulação do capital, assumindo formas discretas de dominação e exploração, se constitui como lugar do comércio, da produção intelectual e do centro das decisões. Para Santos (1988, p.19), “As cidades puderam formar-se graças a um determinado avanço das técnicas de produção agrícola, o qual propiciou a formação de um excedente de produtos alimentares”. E assim a cidade foi evoluindo adquirindo novos arranjos espaciais e oferecendo novos serviços.

Ainda na visão de Santos (1988, p. 19), “a cidade reúne as chamadas profissões cultas, [...] sendo que a criação e a transmissão do conhecimento têm nela lugar privilegiado”. “Dessa forma, a cidade é um elemento impulsionador do desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas [...]”.

O entendimento de Bagli (1996, p. 90), é de que “no urbano, a relação com a terra assume outra dimensão, divisão territorial do trabalho, construída historicamente, reservou funções especiais aos espaços urbanos”. Ou seja, o solo é onde estão fixadas as estruturas. Diferente do campo, neste a relação com a terra esta primeiramente na exploração para consumo e comercialização.

Desta forma, conceituar rural e urbano não é uma tarefa muito fácil, por se tratar de categorias complexas, mas, as abordagens desenvolvidas no âmbito da geografia indicam uma interseção urbano-rural para além dos espaços da cidade e do campo, pois segundo Rosa e Ferreira (2006, p.191), “os atributos urbanos são identificados

no rural, donde se conclui que esse rural sob essa análise está sendo urbanizado”. Sendo assim, se considerarmos que o uso é o que define as áreas que conceituam espaço urbano, como sendo áreas distintas em termos de forma e conteúdo social, áreas de lazer e aquelas de reserva para futura expansão, além do conjunto de símbolos e campos de lutas.

Entretanto, no que se refere ao campo, Rosa e Ferreira (2006), dizem que o uso da terra através da divisão do trabalho atribuiu ao campo um “conceito” de pluriativo, estariam presentes atividades não agrícolas e neste contexto, Carlos (2013) argumenta que “[...] a divisão do trabalho, além de implicar uma divisão de sociedade e classes, vai determinar uma separação espacial entre as atividades dos homens, logo entre a cidade e o campo [...]”.

Rosa e Ferreira (2006, p. 190) apontam que não é mais possível permanecer com esta visão separatista e vaticina, pois, os “pesquisadores brasileiros trabalham com a perspectiva de reafirmar o campo como área dinâmica e não como lugar do atraso ou carência”. Se pensarmos o rural como lugar atrasado, estaríamos ocultando a importância e potencial econômico nele existente. São as mudanças que vem superando barreiras e promovendo uma aproximação entre o campo e a cidade.

Nesse sentido, Carneiro (2013, p. 63) indica que as práticas sociais revelam as formas de vida dos sujeitos envolvidos, o que nos leva a crer que os processos de construção de novas identidades sociais não devem ser “traduzidos simplesmente pela centralidade nas atividades agrícolas e nem pelo exercício exclusivo de uma única atividade econômica”.

Para Rosa e Ferreira (2006 apud Abramovay, 2000), o rural não poderia ser considerado mais como um meio secundário no que se refere à proposição de políticas públicas, na medida em que teria capacidade de preencher funções necessárias ao desenvolvimento de suas populações e da cidade como um todo.

Percebemos, portanto, que as categorias campo e cidade na atualidade, vêm ganhando evidências e interesses, e tem sido cada vez mais discutida com bastante ênfase pelas ciências sociais, principalmente pela Geografia e pela economia, em

função das grandes mudanças. Ainda que seja difícil definir o que é e o que não é próprio da cidade, essas relações vêm dando novas formas e conteúdos a esses espaços sem que cada uma perca suas especificidades.

É preciso compreender a estruturação sócio cultural e econômica do campo, levando em conta as ruralidades e urbanidades configuradas, assim como a reestruturação produtiva ali presente, superando os estereótipos em relação aos acontecimentos da cidade, pois, a complementariedade entre campo e cidade existe, sobretudo por meio dos fluxos de pessoas, mercadorias, transportes, dentre outros. Considerando a referida complementariedade, dois fatores importantes ligam esses espaços.

Um dos fatores se refere à produção agrícola que abastece a cidade, através da feira livre, e o outro decorre da força de trabalho, que muitas vezes vem do campo para a cidade na busca por melhores condições de vida. Esse é o retrato de muitas realidades brasileiras. Famílias que deixam o campo para morar ou trabalhar na cidade, pois, no campo não encontram as mesmas oportunidades de emprego e educação dentre outras vantagens que a cidade dispõe.

O autor fala ainda que as chances das populações rurais se inserirem no processo de globalização não podem ser apenas com “recursos genéricos, terra, energia e trabalho barato” é preciso “valorizar os recursos locais e, sobretudo, criar um ambiente propício à colaboração entre os diversos segmentos produtivos entre campo e cidade que decidirá o destino de cada região”.

Observa-se que o desenvolvimento do rural não se restringe somente ao sentido econômico, ele é percebido por meio da territorialização vinculado a diversificação das formas de desenvolvimento. Atualmente, o agricultor desenvolve diferentes atividades tanto no campo quanto na cidade, recriando assim diferentes espaços por meio de redes que se sobrepõem.

[...] a presença de agricultores familiares diversificados, que transformam e vendem de forma direta ou a totalidade da produção e que auxiliam na ampliação das atividades de lazer e de vida local, contribui de forma decisiva para a criação de um capital social capaz de transformar o espaço local banal num território de desenvolvimento. (CAZZELA e MATTEI, 2002 apud ALENTEJANO, 2015, p. 13),

Com base em Geraldo e Souza (2010, p.13), observa-se que atualmente o agricultor familiar desempenha atividades diversificadas criando, “outras texturas [...] para as novas funções de habitar os espaços, o que parece também uma troca de funções semelhantes entre o urbano e o rural”, a exemplo de algumas atividades que antes era própria do urbano, como empregada doméstica, jardinagem, clubes, dentre outros.

Os autores afirmam que as novas funções de habitar os espaços se desenvolvem cada vez mais no meio rural. A cidade é cada vez mais entremeada por atividades do meio rural como as plantações de hortas nos quintais, criação de animais antes restritos ao espaço rural.

Do mesmo modo, que o rural começa a designar novas funções e receber novos elementos de origem urbana como torres para sinal de telefonia móvel celular, de internet, de TV e vários aparatos tecnológicos, o que nos faz pensar na ideia de continuum abordada por Rosa e Ferreira (2006) em que toda população da cidade e toda população do campo fazem parte de uma mesma sociedade com intensa e estreita relação sócio econômica.

Essas possibilidades de coexistências se mostram não só no aspecto da produção, mas também pelo aspecto sociocultural, conforme elucida (ARAMOVAY 2000 apud Rosa e Ferreira 2006, p. 195, p. 16), ao dizer que “o continuum, rural-urbano significa que não existe diferenças fundamentais nos modos de vida, organização social e na cultura, determinado por sua vinculação social”. Atualmente, a existência de um não anula o outro, sendo até mesmo, em determinadas situações, difícil distinguir o que é urbano e o que é rural.

Segundo (SILVA, 1996 apud CARNEIRO, 2013, p. 56), o rural está cada vez mais imbuído de profundas mudanças teóricas e práticas, pois, se percebe significativa redução no número de pessoas que se ocupam nas atividades agrícolas, surgindo assim, uma parcela relevante de pequenos agricultores que combinam atividades agrícolas com outras fontes de rendimento muitas vezes vinculadas as atividades

urbanas, denominadas de pluriatividade, que embora, não seja um fenômeno novo, vêm ganhando bastante espaço no meio rural.

Outro elemento que vem dando características de urbanidades no rural é o aumento no número de pessoas da cidade que procuram por lazer ou até mesmo por meios alternativos de vida no campo. Isso vem gerando outras possibilidades de trabalho para a população rural, até então dedicada quase que exclusivamente à agricultura. Essa relação permite também que os sujeitos dos dois espaços compartilhem e integrem de suas diferentes culturas.

Novos valores sustentam a procura da proximidade com a natureza e com a vida no campo, a sociedade fundada na aceleração do ritmo da industrialização passa a ser questionada pela degradação das condições de vida dos grandes centros. [...] O ar puro, a simplicidade da vida e a natureza são vistos como elementos “purificadores” do corpo e do espírito poluídos pela sociedade industrial. O campo passa a ser reconhecido como espaço de lazer ou mesmo como opção de residência (CARNEIRO, 2013, p. 57).

Observa-se que as definições de rural e urbano, já não são suficientes para explicar as novas dinâmicas entre eles, há muito que se compreender do meio rural. Nessa perspectiva,

As relações sociais e econômicas dos atores que lá atuam integra veementemente culturas, apresentando uma nova roupagem que supera barreiras e promove uma aproximação entre o campo e a cidade, que incluem a função de residência primeira ou segunda, para populações urbanas, marcando estas novas formas de integração rural-urbana, com distinções cada vez mais difíceis de serem estabelecidas (RUA, 2010, p. 58).

Essa nova dinâmica pressupõe a incorporação das características urbanas ao campo que vão desde serviços, casas luxuosas, tecnologias e todo conforto e hábitos urbanos, sem precisar destituir-se de suas práticas e costumes rurais.

1.2 RELAÇÕES SÓCIO ESPACIAIS, URBANIDADES NO RURAL

Procurando fugir do barulho da cidade, o campo significou e tornou-se para muitas pessoas o lugar da tranquilidade, sendo possível ter um contato com a natureza. Além de o campo significar o lugar do descanso, os sujeitos urbanos não se sentem

tão fora do contexto urbano, pois alguns símbolos dele também já se encontram no campo, como o acesso a internet, a TV por assinatura, o telefone, o barzinho, o balneário, em fim, por se tratar do espaço rural, as pessoas de lá tem acesso às informações aos noticiários ao mesmo tempo em que os moradores da cidade.

De acordo com Bagli (2006, p. 94), “[...] a difusão dos hábitos tem motivado reflexões que difundem a ideia de expansão das urbanidades ao campo e a extinção do modo de vida rural e suas ruralidades”. A autora afirma ainda que o uso das tecnologias não é exclusivo dos espaços urbanos, pois o campo não tem que permanecer no atraso, para se manter rural.

Segundo Lemos (2015), nos dias atuais, o uso das tecnologias permite uma maior sociabilidade e interação entre campo-cidade-tecnologia:

A sociedade contemporânea está imersa num culto da técnica e seus objetos. A cibercultura, pela sociabilidade que nela atua [...] parece colocar a tecnologia digital contemporânea como instrumento de novas formas de sociabilidade e de vínculos associativos e comunitários. (LEMOS, 2015, p. 82).

O autor chama a atenção para mostrar que hoje, o campo e a cidade compartilham dos mesmos aparatos tecnológicos informacionais, isso propicia a dinâmica interativa entre ambos, tal interação é percebida para nós e vivida pelos atores desses dois espaços na medida em que a cidade está o tempo todo recebendo as pessoas do campo, seja para vender produtos agrícolas, seja para o trabalho terciário. Em contraponto, os sujeitos da cidade estão procurando o meio rural como primeira residência ou segunda.

Contudo, essa dinâmica vem caracterizando a comunidade por meio dos manifestos das relações de troca e consumo, o que na visão dos autores Inácio e Gomes, (2010, p.13) “[...] não acontecem sem contradições, os elementos que compõem relativamente os espaços desvelam as intencionalidades das ações sobre os meios de produção, sobre o consumo e apropriação da natureza e do imaginário que emana desse processo”. A existência de uma realidade só existe em relação à outra, e perceber isto, é reconhecer o acontecer geográfico dos fatos, isto é, como a

geografia estuda a organização do espaço por meio dos eventos, relação socioespacial, urbanidades, rural.

1.3 CONFIGURAÇÃO SOCIOESPACIAL E CARACTERIZAÇÃO DE ESPAÇO

Sabemos que o espaço é objeto de estudo da geografia o que perpassa os limites da sua mera descrição, tornando a inserção dessa categoria nos estudos geográficos como crucial para compreender e analisar os processos que o constituem. Para Santos (1988, p. 10), o espaço é “[...] um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento [...]”. A sociedade é assim, reproduzida, incorporada à ideia de espaço como produto social. Ainda na concepção de Santos (1977, P. 1), o conceito de formação espacial precisou ser reformulado.

Para o autor não é possível falar de formação econômica e social sem incluir a categoria do espaço, nessa lógica, trata-se de uma “categoria de Formação Econômica, Social e Espacial mais do que de uma simples Formação Econômica e Social (FES), tal qual foi interpretada até hoje”.

Nessa perspectiva, Maria Clara (2009, p. 68), propõe numa visão dialética e marxista a partir de um pensamento estruturalista do espaço em que relacionar os conceitos de modo de produção e formação econômica e social resulta em compreender como o espaço é formado e organizado. A aplicação da visão tanto de Maria Clara quanto de Santos, proporciona uma nova ótica para a compreensão do espaço inserindo-o em uma totalidade sócioespacial. Sob essa premissa, Santos (1977, p. 1), diz que o conceito de formação socioespacial parte do conceito de “formação sócioeconômica” isso permitiria analisar a sociedade em sua totalidade.

Segundo (MOREIRA, 1982 apud Clara, 2009, p. 72), “A formação espacial é, portanto, a expressão fenomênica de um sistema de relações sociais”, pois é possível interpretar que as formações econômicas e sociais existentes são levadas em consideração na conceituação da formação espacial, considera também a

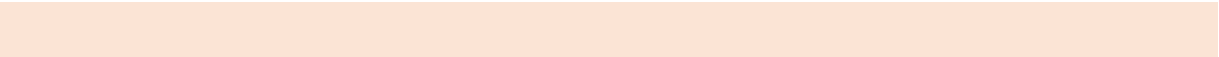
especificidade de cada sociedade tomada como uma realidade histórica determinada e fundada sobre uma base territorial.

Nesse contexto, não se pode negar a existência de uma forte articulação dentro do espaço produzido por diferentes grupos sociais. Segundo Santos (1988), “o espaço tem sua importância à medida que assume hoje em dia uma importância fundamental, já que a natureza se transforma, em seu todo, numa forma produtiva”. É sabido que o espaço está sempre em constante transformação e sendo humanizado pelo homem, tudo isso para satisfazer as suas aspirações.

Nessa perspectiva, o conceito e sentido do espaço nos permite fazer uma analogia com a articulação e as forças produtivas dentro do espaço, e o sentido de espaço habitado. Para Santos (1988, p. 14), *na sua obra Metamorfose do espaço habitado*, o autor aborda segundo um ponto de vista biológico, “no qual o homem consegue se adaptar às mais diversas altitudes e latitudes e climas”.

Outra abordagem é através do ser humano, não mais como indivíduo isolado, mas como um ser social inserido em um contexto. Tal análise parte de uma percepção que, segundo Santos (1988, p. 14), “[...] a maneira como a raça humana se expande e se distribui, acarretando sucessivas mudanças demográficas e sociais em cada continente (mas também em cada país, em cada região e em cada lugar) [...]”.

Podemos entender na visão de Santos (1997), que o espaço é o lugar de materialização da sociedade por meio do trabalho do homem que cria e recria o espaço modificando-o através das relações sociais entre os sujeitos envolvidos nos processos cotidianos como sendo os principais responsáveis pelas mudanças. Nesse sentido, se o espaço é o lugar da materialização da sociedade por meio do trabalho do homem, campo e cidade se complementam.



2. METODOLOGIA

Para desenvolver essa pesquisa, o método usado foi de abordagem quali-quantitativa, por nos permitir analisar as relações sociais existentes entre o campo e a cidade. A metodologia tem como objetivo buscar os elementos que comprovam a existência dos fenômenos relações sócioespaciais, urbanidades, rural, assim como, a partir da prática exercida na abordagem da realidade defender o objeto pesquisado.

A pesquisa qualitativa é defendida por Goldenberg (1997, p. 63) por ser “[...] útil para identificar conceitos e variáveis relevantes de situações que podem ser estudadas quantitativamente [...]”. Nesse sentido, o que a autora defende se adequa a esse trabalho, pois, nos resultados o mesmo trazer dados estatísticos. Goldenberg entende que “os métodos qualitativos e quantitativos, nesta perspectiva, deixam de ser percebidos como opostos para serem vistos como complementares”.

Para Goldenberg (1997, p. 63), o método qualitativo e quantitativo possui valor significativo, pois, “os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social” Goldenberg, (1997, p. 49). Essa compreensão não seria possível por meio da estatística.

Portanto, com base nos objetivos estabelecidos, a investigação é do tipo descritiva e explicativa, a qual permite aprofundar o conhecimento da realidade encontrada no objeto de investigação. Considerando que o enfoque metodológico quali-quantitativa, segundo Minayo (2006, p. 18) é aquele capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerente aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

A população do Coxo de Dentro foi classificada dentro da metodologia escolhida em quatro categorias. A 1ª faz parte da população economicamente ativa que são as

peessoas que trabalham na agricultura familiar, e na pequena produção de óleo de babaçu. A 2ª corresponde aos sujeitos que trabalham no comércio de Jacobina no setor terciário. A 3ª parcela é composta por aposentados. A 4ª são as pessoas da cidade de Jacobina que passam finais de semana e feriados na comunidade.

Os critérios usados na escolha dos entrevistados partiram da necessidade de constar no trabalho pessoas com diferentes perfis de escolaridade, e perfil econômico, pois, a intenção é demonstrar que no campo existem pessoas com ensino superior, com mestrado, com doutorado e pós-doutorado, a exemplo de médico, que tem residência no local.

Da mesma forma procuramos demonstrar que o campo é lugar de riquezas e pobreza. Nesse sentido, o grupo de rapazes que trabalham na cidade de Jacobina e moram na comunidade e o grupo de mulheres que trabalham na feira orgânica que acontece em Jacobina foi para comprovar a estreita relação entre a cidade de Jacobina e o Coxo de Dentro.

Com relação à idade, procuramos saber das pessoas mais velhas que são aquelas que moram há mais tempo na comunidade, quais foram as mudanças na espacialidade local, qual a temporalidade, em relação às mudanças ocorridas no Coxo de Dentro nos últimos tempos mais precisamente desde dois mil e seis (2006).

As entrevistas foram semiestruturadas e aconteceram no mês de março de 2017 e ocorreram em mais de uma visita ao local, visando à familiarização e conhecimento melhor da comunidade e a rotina dos moradores. Sabendo que a comunidade possui uma população de 193 habitantes, a pesquisa contou com um universo de 18 pessoas com idade entre 23 a 72 anos, os quais representam a amostragem probabilística, ou seja, 9,32% o que representará o todo da população.

A escolha das entrevistas nos possibilitou através de uma análise dialética compreender o significado e sentido de procurar o campo como segunda residência e como espaço de lazer e recreação. Os sujeitos entrevistados possuem rotinas diferentes, uns trabalham na agricultura familiar, outros trabalham no comércio de

Jacobina, além daqueles que são moradores de Jacobina e passam os finais de semana e feriados na comunidade.

As entrevistas aconteceram na casa dos moradores escolhidos após marcar dia e hora, com exceção de quatro participantes que foram entrevistados na cidade de Jacobina, pois encontrá-los na comunidade só seria possível à noite ou nos finais de semana, e nos finais de semana que estivemos visitando a comunidade não foi possível encontrá-los. Chegando lá às entrevistas foram feitas através de gravações. Ao retornar para casa foi feita a transcrição das falas para uma tabela e depois foi feito a análise do conteúdo.

Desta forma, a metodologia não só compreende um conjunto de procedimentos, como também articula dentro da pesquisa concepções de mundo, de homem e de conhecimento. Nesse sentido, será na busca por respostas para os questionamentos sobre urbanidades no rural.

Com base nas evidências empíricas e na fundamentação teórica o resultado dessa pesquisa visa refutar as expressões de que o rural é apenas um lugar carente e atrasado e da produção agrícola. É importante destacar que o Coxo de Dentro é uma comunidade com práticas sociais, culturais e costumes tradicionais.

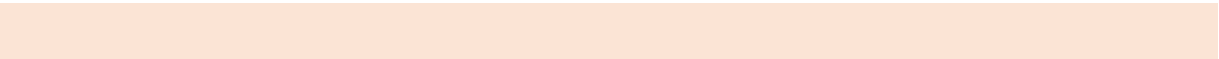
As características da comunidade podem ser percebidas através dos modos como os agricultores cultivam sua produção, a exemplo da extração das amêndoas do babaçu, que ainda é realizada manualmente sem o uso de máquinas, da mesma forma que a produção artesanal dos hidratantes, óleos, sabonetes.

No entanto, as transformações que veem ocorrendo no Coxo de Dentro têm alterado as características físicas do lugar. As mudanças são percebidas como o movimento de pessoas e carros com som ligado durante os finais de semana e feriados como mostra a (figura 5). As transformações são notadas através do desmatamento para construir residências luxuosas como mostra a (figura 6 e 7).

Para dá conta do objetivo da pesquisa foram usadas as seguintes questões: Saber dos moradores se eles consideram o Coxo de Dentro como uma zona rural? Por

quê? Assim como saber deles quais benesses da cidade estão presentes no Coxo de Dentro. Além de procurar saber quais as atividades da cidade de Jacobina estão presentes no Coxo de Dentro. E se existe atividades que favorece o desenvolvimento da população local? E se os moradores da comunidade necessitam da cidade de Jacobina como lugar da oferta de emprego? Por quê? Foi necessário saber como os moradores vê o processo de administração pública na comunidade? E o que a cidade de Jacobina representa para eles. O Coxo de Dentro já apresenta equipamentos urbanos (serviços de telefonia, bancários, saúde, escola etc.) que tem na cidade, e quais são.

Para a Secretaria de Meio Ambiente foi perguntado o que estava sendo feito para que o aumento da população do Coxo não causasse danos às questões ambientais no sentido das grandes construções estarem sendo feitas às margens do rio. Foram essas as questões que nortearam todo o processo e ação da pesquisa, e possibilitaram chegar aos resultados desejados.



3. JACOBINA E A COMUNIDADE DO COXO DE DENTRO

3.1 UM BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE JACOBINA

Jacobina, também conhecida como “Cidade do Ouro”. A origem da cidade deu-se através da exploração das minas auríferas, iniciada no século XVII pelos bandeirantes paulistas. Desde a fundação da referida cidade o extrativismo mineral foi, e tem sido um dos fatores que influenciam a migração de pessoas de varias regiões do Brasil, para trabalharem na exploração de ouro, atividade esta que representa a principal econômica da cidade.

Muitos dos pioneiros trouxeram consigo colonos e escravos para trabalharem nos garimpos, a chegada dessas pessoas formou um aglomerado de garimpeiros, isso resultou num denso e heterogêneo povoado às margens do rio Itapicuru Mirim. Nesse período, também foram iniciadas as atividades agrícolas e a criação de gado (IBGE, 2010).

De acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) a cidade de Jacobina, tinha uma população estimada em 79.247 habitantes dos quais 48,37% pertenciam ao sexo masculino (38.352 homens) e 29,51% dessa população (23.398) 51,63% correspondiam ao sexo feminino (40.933 mulheres), residentes na zona rural (IBGE, 2010). Segundo o IBGE (2017) a população estimada é de 83. 635 pessoas.

Jacobina está localizada na região do Piemonte da Chapada Diamantina-Ba, à cerca de 330 km da capital Salvador. E está situada entre as coordenadas geográficas 11° 11’ 8” de latitude Sul e 40° 28’ longitude Oeste. Limitando-se ao norte com os municípios de Saúde, Miguel Calmon ao Sul, Capim Grosso ao Leste, Ourolândia à Oeste, Caém, Nordeste, Serrolândia e Quixabeira a Sudeste, Várzea Nova a Sudoeste e Mirangaba ao Noroeste.

Figura 1 – Localização do município de Jacobina

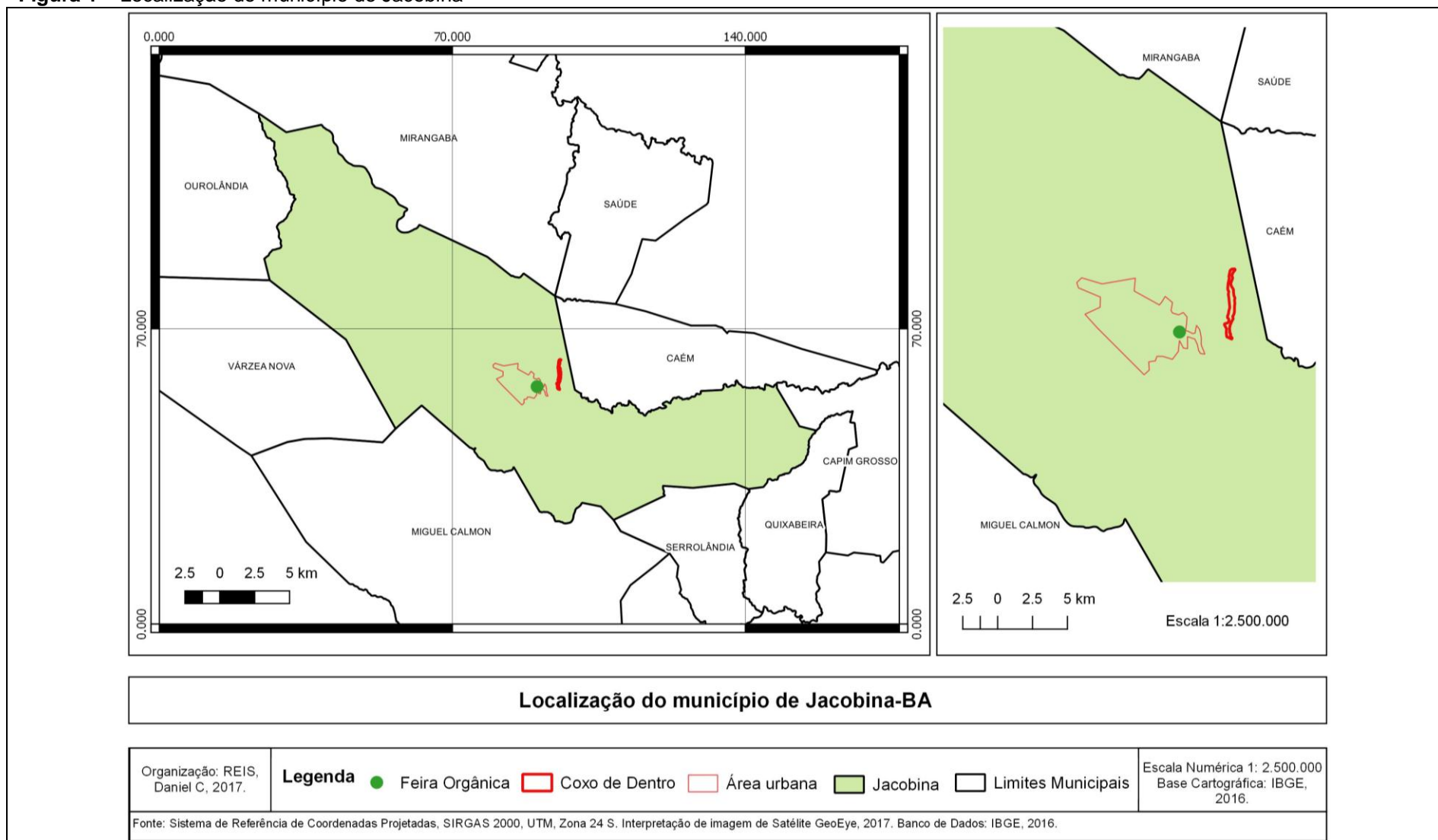


Foto: Daniel Reis, 2017.

A principal fonte de renda do município é o comércio e a extração de ouro, além de uma fábrica de calçados. Outra atividade que contribuem para o desenvolvimento da economia local é o setor agrícola, que vem se destacando na produção de alho e banana no povoado de Caatinga do Moura, além do cultivo de frutas e verduras, do tomate, batata doce, mandioca, localizados nos demais povoados. No setor pecuário, tem destaque na criação de rebanhos para corte, os bovinos, suínos, equinos, asininos, muares, ovinos e caprinos. Podemos concluir que a economia do município teve como base a exploração de minério e o setor agropecuário e continua até hoje.

3.2 LOCALIZANDO E ENTENDENDO O LUGAR

A comunidade do Coxo de Dentro localiza-se entre as serras de Jacobina-BA região do Piemonte da Chapada Diamantina aproximadamente a 15 km da sede municipal na saída da cidade pela BR 324 (Figura 2) e trata-se de uma área pequena, possui uma população de 193 habitantes (IBGE, 2010), porém este número de moradores vem ampliando vertiginosamente. Está crescendo cada vez mais o número de residências no Coxo de Dentro, esse crescimento começou há mais ou menos quinze anos atrás, segundo informação dos entrevistados, foi comprado quarenta e um (41) lotes de terras para construção de residências, sendo que algumas já estão em fase final.

O acesso se torna difícil devido à falta de pavimentação das estradas e a falta de linhas de transportes, o que acaba dificultando a locomoção dos moradores, inclusive aqueles que trabalham de segunda a sábado no comércio de Jacobina, na maioria das vezes o trajeto acontece de bicicleta, moto ou num caminhão que faz a condução de mercadorias comercializadas às quartas-feiras, sexta e aos sábados para as feiras livres.

Quanto às características socioeconômicas, a comunidade teve como base econômica a agricultura, como plantação de café, mandioca, mamona, banana. Hoje o que predomina com maior destaque é a agricultura orgânica. Em uma escala

menor tem a plantação de banana, manga, dentre outras frutas, além do extrativismo vegetal do coco babaçu para a produção de óleo, sabonetes, hidratantes.

Figura 2 – Área compreendida como Coxo de Dentro

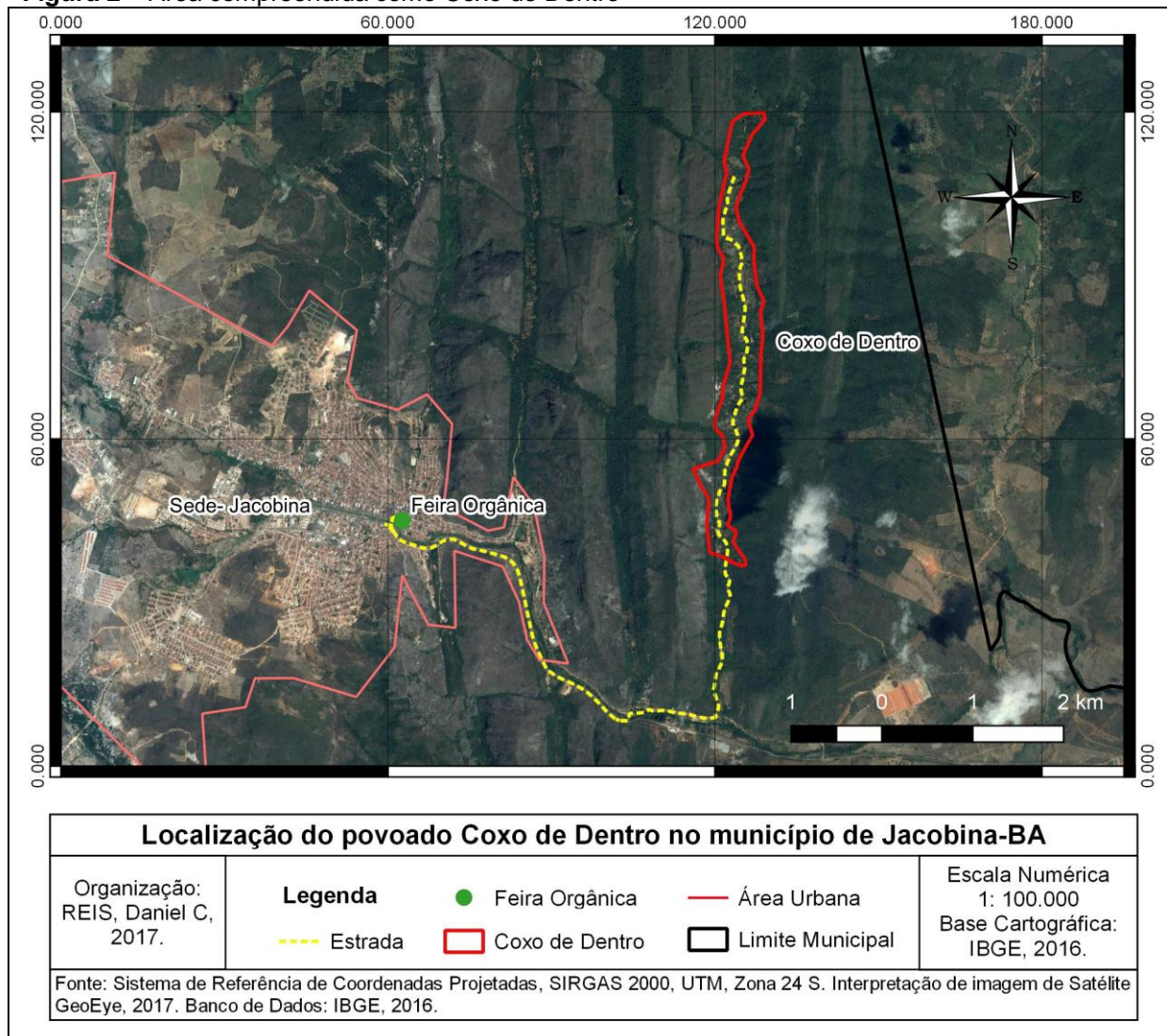


Foto: REIS, Daniel, 2017.

Há mais de dez anos a cidade de Jacobina tem sido o lugar onde a comunidade do Coxo de Dentro passou a desenvolver relações de trabalho através da implantação de uma feira orgânica (Figura 3), com o apoio e parcerias do poder público, que concede-lhes apoio técnico e disponibilização do espaço público cedido com isenção total de cobrança de taxa.

A feira surge como venda do excedente da produção agrícola, sendo de fundamental importância para o abastecimento alimentar da população de Jacobina. Sendo também nos dias da feira uma maior circulação de pessoas e

consequentemente fortalecendo a economia da cidade, pois, os próprios agricultores aproveitam para adquirir desde ferramentas, roupas e utensílios domésticos. Essa dinâmica de compra e venda nesse espaço vivido, facilita e fortalece a relação cidade campo, dessa forma, contribui para o desenvolvimento econômico da cidade.

Figura 3 – Feira orgânica de Jacobina



Foto: NILZA, Santos, 04/06/2017

Em entrevista com o Diretor da Secretaria de Agricultura de Jacobina, o mesmo informou que nos primeiros seis meses de trabalho na feira orgânica, os feirantes receberam da prefeitura as barracas sem custo algum, até que eles conseguissem através de um projeto via Banco do Nordeste, adquirir as barracas. A partir daí a parceria foi com a Prefeitura, Cooperativa de Assistência a Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte (COFASPI), Governo do Estado da Bahia e a Associação das Cooperativas de Apoio a Economia Familiar (ASCOOB), a qual, na época cedeu guarda-pó, avental e as lonas.

Além da atividade supracitada e pensando no desenvolvimento econômico da comunidade, os moradores viram a necessidade de aproveitar o extrativismo do Coco Babaçu (*Orbignya speciosa*) enquanto recurso vegetal e como potencial econômico da localidade que se instaurou o empreendimento que garantiu o redimensionamento das relações estabelecidas entre a comunidade e a iniciativa privada com base no modelo de parcerias.

Figura 4 – Palmeira do coco babaçu localizada numa área residencial

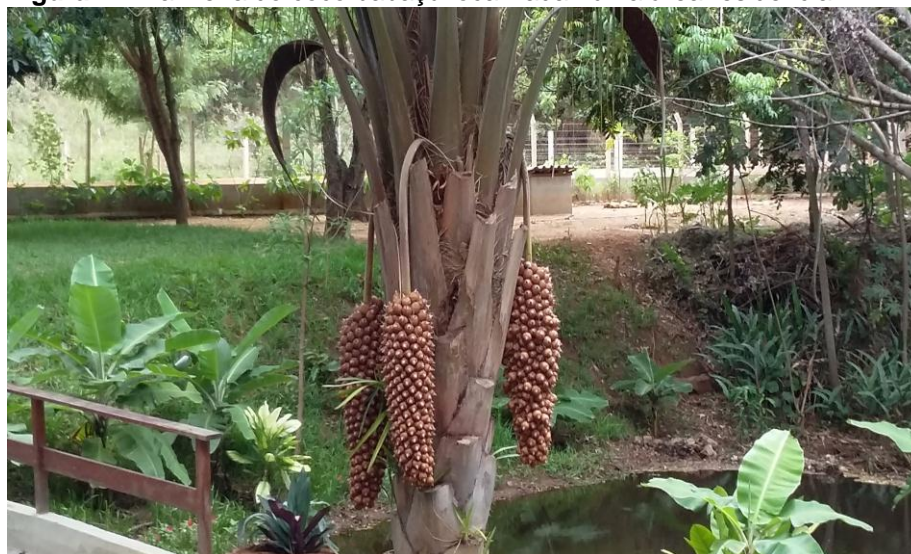


Foto: SANTOS, Nilza, 2017.

Figura 5 – Imagens da sede da Associação e dos seus produtos à base de babaçu.



1



2



3



4

Foto 1 – Sede da Associação Comunitária Coxo de Dentro (ACMACD),

Foto 2 – Cremes hidratante a base de babaçu,

Foto 3 – Óleo corporal a base de babaçu,

Foto 4 – Sabonete em barra a base de babaçu;

Fonte: <http://associacaocochodentro.blogspot.com.br/p/bahia-babacu-produtos-artesanais.html>

Adaptação: NILZA Santos, 2017.

O projeto de implantação da Unidade de Beneficiamento do Coco Babaçu (UBCB) resultou da busca por alternativas de emprego e renda, e foi no extrativismo vegetal que os moradores viram uma oportunidade de trabalho definida como ação empreendedora, a qual foi desenvolvida pela Associação Comunitária dos Moradores e Agricultores do Coxo de Dentro (ACMACD) e pela Empresa Canadense de Mineração instalada em Jacobina (Yamana Gold), através do setor de projetos da área social, chamado de Projetos e Parcerias.

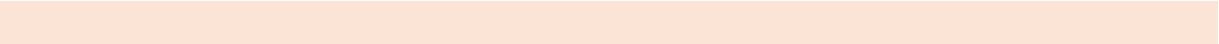
O extrativismo, Apesar de ser uma pequena produção, no entanto, vem complementando a renda de algumas famílias totalizando onze pessoas na referida atividade na grande maioria por mulheres. Isso tem contribuído de certa forma para a asserção e seu emponderamento. Embora continuem se identificando só como lavradoras.

Durante a visita à comunidade, tivemos a oportunidade de conhecer à (UBCB) e a (ACMACD), local onde acontecem as reuniões aos domingos entre os membros associados (um encontro mensal) para discutir sobre as atividades ou qualquer outra questão que seja de interesse da comunidade, e algumas vezes, acontece um mutirão para realizar a quebra manual do coco babaçu, e a extração das amêndoas.

A partir do extrativismo, é derivado do coco babaçu, alguns produtos artesanais que são fabricados na comunidade, o óleo, sabonetes, cremes e hidratantes. E, conhecer a realidade profissional das mulheres quebradeiras de coco babaçu dentro da comunidade, foi reconhecer também a coragem e determinação que elas possuem.

O emponderamento feminino contemporâneo tem contribuído para o surgimento de novas atividades tanto em outros espaços (cidade) a exemplo da feira orgânica, como na comunidade na produção de produtos derivado do coco babaçu, e nos serviços domésticos com a chegada de novos moradores que contratam os serviços dessas pessoas que não tiveram uma formação que lhes proporcionasse outro tipo de emprego formal, então, elas veem a chegada desses novos moradores à comunidade como uma oportunidade de emprego.

Diante dessa realidade, mais da metade da população local sobrevive da renda proveniente da venda de hortaliças e frutas orgânicas, coco babaçu comercializados na feira livre e no centro da cidade, e de recursos financeiros mantidos pelo Governo Federal, a exemplo do programa Bolsa Família, Garantia Safra (GS), uma ação do Programa Nacional de Fortalecimento da agricultura Familiar (Pronaf).



4. DINÂMICAS URBANO-RURAL EM COXO DE DENTRO

O crescimento do Coxo de Dentro decorre da procura das pessoas por lugares que ofereçam uma maior tranquilidade de vida, sem a poluição sonora encontrada na cidade. Certamente as pessoas que foram morar na comunidade na sua maioria trabalham em Jacobina.

Sobre as novas atividades e funções do rural, na concepção de Rua (2010, p. 58), (incluindo a função de residência – primeira ou segunda – para populações urbanas), “[...] marcam estas novas formas de integração rural-urbana, com distinções cada vez mais difíceis de serem estabelecidas, entre essas duas espacialidades”. Nas entrevistas foi possível perceber que o tradicional corte rural/urbano foi superado, os agricultores da comunidade exercem um diálogo com o urbano, e esse diálogo inclui as coisas naturais e artificiais á medida que as “coisas artificias” (internet, telefone, TV) são introduzidas no campo.

Aqui nos temos telefone, internet, TV [...] eu nasci aqui me criei aqui não tenho vontade de sair pra fora não. Aqui a gente planta nossas verduras, a gente tem a preservação do meio ambiente, os rios são limpo não é aquela poluição que tem em Jacobina. Nos fim de semana e feriado levo tira gosto para vender no balneário que é um espaço de lazer, onde vem muita gente de Jacobina (entrevistado SAS, Lavrador local).

Além de perceber o sentimento de pertencimento da moradora, outro ponto observado é quando ela fala dos aparelhos tecnológicos, isso nos permite entender que o homem do campo tem acesso às informações ao mesmo tempo em que o homem da cidade, graças ao avanço da tecnologia que permite essa sociabilidade.

A capacidade que esses sujeitos têm de adaptar-se a um novo estilo de vida e novos hábitos, novas configurações de espaço, elementos que podemos chamar de “coisas” artificiais, sem perder a essência da vida no campo, fazendo com que tais sujeitos passem a admitirem a possibilidade da convivência, num mesmo espaço, da

cultura rural com a cultura urbana, o que reforça a nossa defesa à ideia da presença das urbanidades no rural.

Dada às considerações e importância as identidades rurais, é perceptível na fala da lavradora, ao dizer que considera o Coxo de Dentro como sendo zona rural, fala também da importância do lugar e do papel que a parceria com a COFASPI traz para a comunidade:

Eu considero zona rural por que é onde eu vivo, eu trabalho é meu sustento eu trabalho com produto orgânico todo tipo de verdura tem muitos anos que eu trabalho com isso, e por diante, pra mim é importante. Através de curso desenvolve muito a comunidade por que aqui a gente aprende com os meninos da COFASPI que vem fazer curso com a gente aqui pa poder ensinar a gente a plantar, como colhe, a minha atividade de plantar pra mim é muito importante. (Entrevistado LAS, lavrador local).

Portanto, uma das possíveis interpretações a respeito da fala da entrevistada é que ela atribui grande importância ao trabalho no campo, assim como, reconhecer que a agricultura orgânica é uma atividade que faz parte da sua vida há anos. Ela afirma também que os estudos realizados por alunos universitários na comunidade contribuem para seu aprendizado, à medida que levamos até eles questionamentos a respeito da comunidade e ao mesmo tempo fazemos uma troca de conhecimento.

A satisfação da moradora em receber na sua comunidade alunos da universidade para fazer pesquisas, e palestrantes da COFASPI para ministrar cursos, mostra que a relação da cidade com o campo vem se estreitando cada vez mais, reforçando assim a ideia de um continuum, em que situações e práticas urbanas são estendidas ao campo. Essa expressão tem sido utilizada para caracterizar situações em que, tanto formas de vida e de trabalho rurais quanto urbanas estariam integradas.

As mudanças na relação cidade campo, mediada através das relações socioespaciais e socioeconômica na comunidade do Coxo de Dentro, vem colocando em evidência o processo de produção do espaço rural, acelerado por uma quantidade significativa de pessoas que estão saindo da cidade para morar no

campo. Ou como segunda residência. O que marca no primeiro momento uma valorização da realidade local.

A valorização local citada anteriormente é percebida na fala do entrevistado LAS, ao dizer que: “[...] *no final de semana o que mais você encontra aqui é carro, e muita gente além de ter sítio aqui nos temos Orlando Touro ali que tem um balneário, na seca o povo só corre pra aqui*”. Observa-se que o balneário, enquanto um espaço de lazer tem destaque na comunidade, tanto para os moradores, pois é a oportunidade de oferecer seus produtos, quanto para aqueles que vai passar o fim de semana no seu sítio, e ainda tem aqueles que saem de Jacobina e de outros lugares para se divertir no balneário.

Figura 6 – Estrada de acesso ao Balneário Orlando Touro Coxo de Dentro



Fonte: <https://www.youtube.com/> acessado em 13/06/2017
Adaptação: Nilza Santos, 2017.

Embora trate de um espaço rural com uma população pequena, o Coxo de Dentro tem se tornado um atrativo, não só para os moradores de Jacobina, mas também de outras localidades. E assim, a comunidade ganha um novo recorte espacial na medida em que passa a “reproduzir praticas características até então da vida urbana”. É importante deixar claro que ao analisar o rural, seja em qual dimensão for devemos considerar sua diversidade. Portanto, mesmo o campo se “apropriando das práticas urbanas” ele não perde sua especificidade. Nessa perspectiva:

As transformações na comunidade rural provocadas pela intensificação das trocas com o mundo urbano (pessoais, simbólicas, materiais...) não resultam, necessariamente, na descaracterização de seu sistema social e cultural. Carneiro (2013, p. 58),

As trocas entre campo e cidade são reveladas através das funções que cada um desses espaços desempenha. Para os moradores do Coxo de Dentro, Jacobina representa o lugar do emprego e oportunidades econômico-sociais, fato esse refletido no argumento de MGBN, ao falar que:

Jacobina é onde o pessoal trabalha é Jacobina, os meninos os rapaz daqui tudo trabalha em Jacobina, aqui... aqui no Coxo não tem, aqui só tem de emprego quem trabalha na plantação de hortaliças. Muitos [...] vão de moto amanhã cedo sai de moto volta de tarde tem deles que tem que levar o almoço (Entrevistado MGBN).

A rotina que os rapazes fazem de Jacobina para o Coxo de Dentro comprova uma estreita relação entre os dois espaços. O entrevistado IAS, reafirma na sua fala a importância de Jacobina para a comunidade, pois, *“Jacobina é importante para a comunidade, pois, precisamos de Jacobina para vender nossos produtos por que as pessoas daqui não compram por que todo mundo tem então se deixar aqui não sai por que todo mundo tem num é mesmo”*.

Nesse sentido, Jacobina se constitui para os moradores da comunidade como uma porta para o futuro, o lugar que pode oferecer uma oportunidade para crescer e estudar, uma perspectiva de vida para jovens. Em contrapartida, o campo oferece para os moradores da cidade, o contato com a natureza, o lazer, a tranquilidade e o ar puro.

Como conhecimento adquirido por meio das visitas à comunidade, foi possível compreender os motivos que levam as pessoas a procurarem o campo como um lugar para descansar, ainda que essa compreensão seja muito subjetiva, é possível sim, perceber e entender quão essa relação vai além das barreiras e dificuldades que algumas pessoas que não tem transporte enfrentam para se deslocar da cidade para o Coxo e vice-versa. A nossa análise parte do entendimento de que morar no campo significa para as pessoas da cidade uma melhor qualidade de vida.

A escolha parte dos atributos naturais que o local dispõe, ainda que as pessoas estejam levando para lá práticas urbanas como, por exemplo, a existência do balneário, ainda assim, é um rural aconchegante, é uma área rodeada de nascentes, e próximo da cidade. Essa análise é sustentada nos relatos das pessoas que foram morar ou apenas passar o fim de semana e feriados. O que na visão de Carneiro (2013, p.57), “[...] o campo passa a ser reconhecido como espaço de lazer ou mesmo como opção de residência”. Nesse sentido, não há um relacionamento terra e trabalho, mas sim terra, descanso e lazer. Sobre a interação do campo com o urbano, entende-se que ele traz a ideia de hibridismo. Nessa perspectiva, Rua afirma que:

“um rural que interage com o urbano, sem deixar de ser rural; transformado, não extinto. A hibridez perante evidência a “criação local”, a capacidade dos atores locais [...] desenvolveram leituras particulares dessa influência e produzem territorialidade particulares” Rua (2006, p. 101).

Essa visão de Rua reforça a nossa discussão no decorrer do trabalho de que o rural tem suas especificidades independentes da inserção de fatores urbanos.

Para tanto, a lógica das territorialidades parte dos pressupostos de que as articulações são necessárias ao desenvolvimento e a organização das atividades dentro e fora da comunidade, tanto num ato individual como também no coletivo vinculado às políticas públicas do municipal e das outras unidades da federação. Isso vem ganhando força e visibilidade e os moradores do Coxo de Dentro, apontam suas demandas para o executivo e o legislativo local para resolver as questões e os interesses da comunidade.

Aqui nós temos o agente de saúde nos temos aqui, nós temos associação, nós temos muito bem aqui de vereador, aqui quando nos precisamos eles estão pronto para nos servir, temos Jr de todos Zé do povo e tem...nois temos também aquele menino de Itaitu Rone quando agente fala cum Rone ele tá aqui pra nos servir. (Entrevistado MGBN,)

O entrevistado, morador local, fala que *O prefeito foi lá, visitou a associação, pra ver nossas ideias, a gente tava precisando de arranjar um carro pra nossa associação ele ajudou.* Apesar de alguns impasses que existe na administração pública, os

políticos enquanto representantes da população vêm atuando a favor dos interesses da comunidade. Nesse contexto, o desenvolvimento local envolve fatores sociais culturais e políticos. Sob essa análise, os moradores se articulam com base nas demandas que a comunidade anseia.

A convocação aos vereadores e prefeito indica um avanço de que as mudanças estão acontecendo. Nesse sentido a associação representa para os moradores uma “entidade” repleta de sentidos e significados, o lugar da expressão das lutas de classes. Nesse sentido, em se tratando das demandas da comunidade, considerando a existência da agricultura familiar enquanto base econômica da maioria da população do Coxo de Dentro, sua produção além de ser para a subsistência, é também destinada ao consumo da população de Jacobina.

Sendo assim, a implementação de políticas públicas faz-se necessário para o desenvolvimento local. No entanto, o desenvolvimento local precisa fazer parte de um projeto de mudanças em que os objetivos sejam pautados nos segmentos políticos, legal, educacional, tecnológico, ambiental, cultural e econômico, e que os representantes políticos possam levar os interesses partindo da escala local para o global.

É importante destacar que todo esforço e desempenho sejam efetivos e que os objetivos sejam alcançados e os resultados possam melhorar a vida dos moradores. Mediante o contexto, e diante da difícil realidade que vivemos em relação à governança política não se exclui as possíveis falhas que permeiam a atuação dos nossos gestores. No entanto, a população da comunidade enquanto protagonistas de suas histórias de lutas devem procurar ter um entendimento mútuo entre o coletivo, diante da relevância dos pontos críticos a serem observados e solucionados.

Pelo fato do desenvolvimento econômico da comunidade contar apenas com a agricultura familiar e a extração do coco babaçu, isso não é suficiente para manter todas as famílias empregadas nesse ramo, por isso, que a maioria dos jovens procura a cidade de Jacobina como lugar da oferta de emprego, embora haja algumas dificuldades para ir e vir todos os dias. Durante as entrevistas alguns

moradores do Coxo de Dentro, relataram que sentem dificuldades para conseguir trabalho na cidade. Segundo eles, as empresas não gostam muito de contratar pessoas da zona rural, pois, a empresa teria que pagar o transporte. Ao argumentar sobre o que a cidade representa para os moradores da comunidade, o entrevistado, fala que:

“para muitos acredito que Jacobina é a oportunidade de trabalho, porém sabemos que há dificuldade por serem moradores da zona rural, muitos empresários não contratam por ter que pagar o transporte”. (EAES, morador da comunidade).

Os jovens que querem trabalhar na cidade ainda enfrentam essa resistência, o que nos faz entender que o custo para o empregador, sai mais caro se ele contratar funcionário da zona rural, do que da cidade. Isto é, analisar o custo e benefício no sistema capitalista. Nessa linha de análise, sabemos que o mercado de trabalho funciona sob a égide dos modos de produção capitalista o que pode gerar em si as desigualdades entre os grupos/classes. Vale ressaltar que essas dificuldades não são aplicadas a todas as empresas. Muito pelo contrário, muitos jovens da comunidade estão trabalhando na cidade, ainda que tenham que enfrentar alguns desafios.

4.1 URBANIDADES NO RURAL EM COXO DE DENTRO

Os recorrentes estudos sobre a relação cidade campo nunca cessaram, por está sempre sofrendo mudanças, uma delas é o que consideramos como urbanidades no rural, fundamentada nas abordagens dos autores citados no decorrer do trabalho. A pesquisa trouxe alguns resultados que são positivos e outros negativos em meio a um universo de sujeitos diversificados, o que nos possibilitou um panorama de múltiplas facetas, na relação de Jacobina com o Coxo de Dentro.

Resultante da relação Jacobina Coxo de Dentro, faz parte atores que foram morar definitivamente na comunidade, mas que continuam a trabalhar na cidade, e outros que usam o campo só para passar os finais de semana e feriados, e ainda aqueles que são da comunidade, mas que trabalham na cidade, com a rotina de ir e vir todos

os dias, somado a esses últimos tem o grupo de famílias nativas da comunidade que vendem na feira orgânica em Jacobina todas as quartas e sexta feira e sábado.

Figura 7 – Residência correspondente à área da figura 8



Fonte: <https://www.youtube.com/> acessado em: 13/06/2017.

Desde dois mil e seis (2006), a comunidade do Coxo de Dentro vem crescendo, e assumindo identidades diferentes e adquirindo características urbanas. Esse crescimento é decorrente da especulação imobiliária que surgiu atraída pela tranquilidade do campo, pela beleza e o verde da natureza. Diante disso, as mudanças que vem acontecendo a exemplo da especulação imobiliária que vem atraindo mais pessoas para morar na comunidade ou passar finais de semana e feriados, implica uma serie de questões, desde o manejo dos recursos hídricos até a preservação do meio ambiente. O que se torna necessário ao poder público fiscalizar o ordenamento das novas ocupações.

Como fica evidente na figura 7, mansões de luxo vem sendo construídas as margens e muitas vezes envolvendo o próprio leito do rio Cocho de Dentro (Figura 8). São residências que precisam de funcionários domésticos para cuidar e atender as necessidades de seus proprietários e isso, faz com que os locais se caleem e não se rebelem, pois, lhes oferecem a possibilidade de um emprego. Diante disso, através de relatos dos moradores, a chegada das pessoas da cidade para morar no Coxo, tem mudado a dinâmica da comunidade, de forma positiva e negativa. O que eles acreditam ser positivos é o fato da chegada dessas pessoas gerar outro tipo de

relações até então característico do urbano, como a função de “jardineiro e serviços domésticos”, de certa maneira, isso vem ajudando muitas famílias a terem uma renda extra que complementa o salário mensal, o que chamamos de “pluriatividade”.

Figura 8 – Residência construída diretamente no curso do rio Coxo de Dentro



Fonte: <https://www.youtube.com/> acessado em: 13/06/2017

Desta forma, a chegada das pessoas urbanas à comunidade significou para os sujeitos do campo uma oportunidade de emprego, pois, eles precisam de uma faxineira, caseiro, jardineiro. O entrevistado CEI, morador da comunidade fala que: *a gente fazendo faxina, já é uma ajuda financeira pra gente que só trabalha na feira. A fala do entrevistado reforça a presença e a importância da pluriatividade no meio rural.*

Além da valorização do local, que segundo ele, *“é importante por que a gente vê que as pessoas estão procurando mais nossa comunidade por que aqui é bom, tem tudo que a gente precisa, aqui eles encontram o que não tem em Jacobina, sossego, ar puro, silêncio só o barulho das árvores e dos passarinhos”*. O recorte da fala do entrevistado nos permite compreender que o uso das tecnologias estendida ao campo significa a modernização da comunidade, o que permite uma maior e melhor sociabilidade, por meio da linguagem e códigos, permitindo a eles interagir com outros espaços.

Figura 9 – Acesso ao Coxo de Dentro e construções residenciais as margens



Foto: SANTOS, Nilza, 2017.

Figura 10 – Construções residenciais às margens da estrada de acesso.



Foto: SANTOS, Nilza, 2017.

Outra novidade com a chegada dessas pessoas está presente na espacialidade da localidade, pois, embora a mudança para o campo seja em busca da simplicidade tranquilidade, esses sujeitos não se desvencilharam do conforto, do luxo das moradias e das modernidades da vida urbana (Figuras 9 e 10). Isso nos levou a identificar empiricamente a visão de Bagli (2006, p. 68), ao dizer que, “o morador da cidade que busca o campo para viver dentro de um condomínio de luxo, por exemplo, não se destitui de seu modo de vida urbano. O que ele busca é aproveitar das ruralidades sem destituir-se de seus hábitos”.

Muitos atributos do urbano estão presentes na comunidade, meios de comunicação, TV por satélite, sinal de telefonia, construções modernas mais comuns aos centros urbanos. Desta forma, foi possível perceber que as mudanças supracitadas deram outras características ao campo, diferenciando-o daquele campo dicotômico e estereotipado apenas do lugar da produção agrícola. Essas novas características e funções, por si só expressa certa autonomia, do campo. Pois, este oferece meios de sobrevivência através do seu potencial.

Nesse sentido, os entrevistados nativos da comunidade demonstraram resistência ao perguntar se eles pensam em morar numa cidade que ofereça outros empregos com melhores salários. A resposta foi surpreendente, pois, independente das dificuldades encontrada no campo em épocas de estiagem, ainda assim, os moradores conseguem se manter com a produção para subsistência e com o amparo dos programas do governo federal, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e o Garantia Safra (GS), e com o apoio da Cooperativa de Trabalho e Assistência à Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte (COFASPI).

Percebemos através das entrevistas que na comunidade vem surgindo alguns conflitos decorrentes de dois fatores, o uso indiscriminado da água, e a poluição sonora. Isso tem repercutido de forma negativa para a comunidade. Diante disso, os órgãos responsáveis por esta fiscalização foram acionados a fim de tomar medidas cabíveis. Essas informações nos levaram a procurar esses órgãos para saber como tem sido a participação do poder público no Coxo de Dentro.

A Secretaria de Meio Ambiente de Jacobina-BA nos informou que realizou uma fiscalização relacionada à captação de recursos hídricos na comunidade em conjunto com o Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos – INEMA, e participou de uma reunião na ACMACD, com o objetivo de ouvir e reconhecer as demandas da referida população, e também orientar quanto à ocupação populacional de forma desordenada na localidade.

O órgão municipal também informou sobre as ações fiscalizatórias de combate à poluição sonora, com a finalidade de orientar a população quanto ao uso de

equipamentos sonoros, e apontou ainda sobre o propósito da gestão quanto aos interesses em proporcionar à comunidade momentos de educação ambiental. Desta forma, o aumento populacional, vem conduzindo ao uso indiscriminado da água para piscinas, irrigações sem as devidas autorizações e licenças, a exemplo de um balneário instalado diretamente no leito do rio (Figuras 11 e 12), o que levou os órgãos de gestão ambiental procurar ordenar e fiscalizar tais questões. Todas essas questões têm repercutido de forma negativa para a comunidade.

Figura 11 – Balneário Orlando Touro construído diretamente sob o curso do rio



Foto: SANTOS, Nilza, 2017.

Figura 12 – Balneário Orlando Touro, piscina feita com barramento do rio.



Fonte: <https://www.youtube.com/> acessado em 13/06/2017.

No entanto, a Secretaria não nos informou quais medidas iriam ser tomadas, mesmo porque no período em que a pesquisa estava sendo realizada a Secretaria de Meio Ambiente e o INEMA não tinham chegado a uma conclusão. Uma das

possíveis causa da falta de organização em relação às questões citadas anteriormente podem está relacionada com o PDDU do Município que se encontra desatualizado desde 2006. Sabendo que sua atualização deve ser realizada a cada dez anos.

É obrigatório que as observâncias sejam cumpridas. Para isso, A Lei Complementar que institui o Código de Obras de Jacobina, no artigo 5º do Capítulo I, consta que todos os projetos deverão estar de acordo com as normas contidas neste Código de Obras, no Código do Meio Ambiente e no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental.

Para as pessoas urbanas, o campo, é visto como espaço de lazer e tranquilidade, pois muitas pessoas saem de Jacobina para o balneário na comunidade. O que nos possibilita perceber diferentes visões com relação ao mesmo local. O lugar onde ele criar toda uma estrutura física que lhe permita conforto, qualidade de vida, fazer um jardim, construir uma piscina, plantar frutas e flores, e plantas ornamentais.

Enquanto que para a população do campo estes veem o mesmo para além dos olhos das pessoas urbanas, eles veem o campo como a terra de onde é tirado seu sustento, a sua fonte de renda, portanto, cuidar, proteger e preservar são ações que os moradores da comunidade prezam bastante e querem que aqueles que estão indo morar lá, possam também desenvolver as mesmas ações.

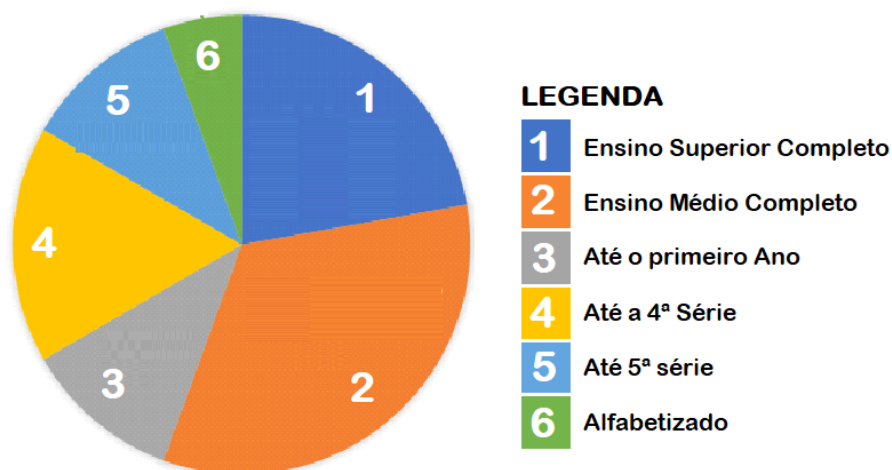
Na relação cidade campo aqui abordada, foi criteriosamente analisada a luz de uma abordagem qualiquantitativa, e os sujeitos envolvidos foram caracterizados pela escolaridade e pelo perfil socioeconômico. O que nos permite perceber que a trajetória de vida dos moradores nativos da comunidade e das pessoas urbanas deram rumos diferentes para suas vidas. A partir de então, vamos analisar através dos gráficos o perfil socioeconômico e a escolaridade dos entrevistados.

O resultado mostrado no gráfico da figura 13 aponta que seis dos entrevistados possuem ensino superior completo. Quatro tem a comunidade como segunda residência, (um médico, um funcionário público aposentado, um funcionário público

na ativa, e um funcionário que administra o balneário e reside em Jacobina.), o outro entrevistado mora na comunidade.

Figura 13 – Escolaridade dos entrevistados.

ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS



Fonte: NILZA, Santos, 2017.

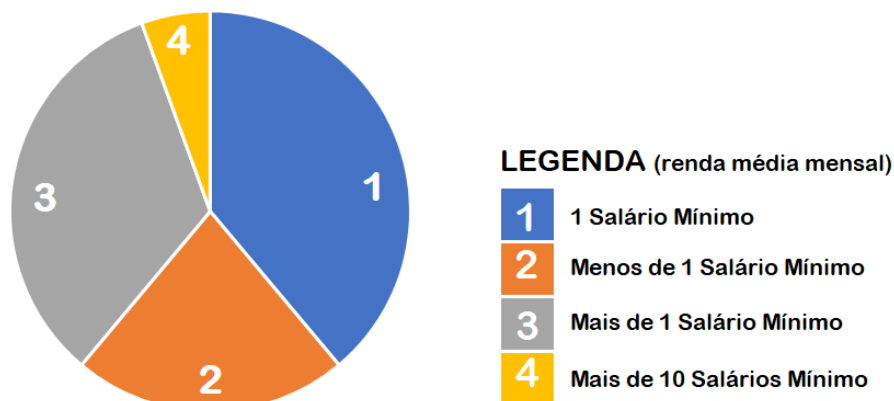
Os três que não concluíram os estudos, atualmente trabalham na agricultura. Enquanto que SI e MA, só estudaram até o 1º ano do ensino médio, pois, eles também tiveram que abandonar os estudos, e deixaram de se dedicar apenas à agricultura e foram em busca de emprego na cidade de Jacobina. Como fica evidenciado na fala de MA: *“eu tenho vinte e um anos de idade e que moro na comunidade, há três anos trabalho em Jacobina, eu precisava trabalhar e ganhar um salário melhor, por isso vim trabalhar aqui”*. Mais uma vez fica claro que Jacobina significa para os moradores da comunidade onde eles buscam trabalho objetivando ganhar um salário melhor.

Quanto ao perfil socioeconômico dos entrevistados, dos dezoito participantes, destes, quatro recebem um salário mínimo, são aqueles que trabalham no comércio de Jacobina (Figura 14). O exemplo, do entrevistado GI fala que: *“[...] eu trabalho há sete anos aqui em Jacobina recebendo um salário mínimo e moro há 28 anos no Coxo eu terminar meus estudos, terminei o segundo grau, e ai vim, trabalhar aqui em Jacobina”*. MA trabalha há três anos no comércio de Jacobina, e mora há 21 anos na comunidade. SV trabalha há 1, 5 meses, e mora no Coxo há 22 anos. GB

também sempre morou na comunidade e trabalha há quatro anos em Jacobina. Todos os entrevistados que foram citados trabalham na mesma empresa.

Figura 14 – Renda mensal dos entrevistados.

RENDA MÉDIA MENSAL DOS ENTREVISTADOS



Fonte: NILZA, Santos, 2017.

Enquanto que do total dois são aposentados e um funcionário público. Os que recebem menos de um salário mínimo trabalham na agricultura (feira orgânica). Os que recebem mais de um salário mínimo também são funcionários públicos alguns já aposentados. Inclusive tem um médico que recebe “mais de dez salários” este vai todas as tardes para a comunidade e retorna à noitinha para Jacobina. Ele fala que: *“aqui é um lugar lindo, vir pra aqui todos os dias e ter esse contato com a natureza significa renovação, aqui eu me encontro comigo mesmo [...], eu já tenho uma vida estruturada na cidade, agora eu busco usufruir daquilo que a natureza nos oferece.*

Diante dos resultados apontados no gráfico podemos perceber a diversificação nas funções dos sujeitos que compõem a população do Coxo de Dentro. Com ressalvas para aqueles que “usam” a comunidade como segunda residência. Essa diversificação nos ajuda a lançar outro olhar sobre o campo, que não seja um olhar estereotipado como atrasado, onde as pessoas são ignorantes, não tem estudo, não produzem conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação cidade campo, que analisamos durante muito tempo foi vista como sendo categorias distintas, sobretudo, a cidade se colocava como o centro das atenções, das decisões, da informação e do trabalho. O campo, este era visto como lugar exclusivamente da produção agrícola, do atraso. Atualmente, essa visão foi ultrapassada, graças a uma série de fatores que contribuíram para que novas mudanças acontecessem e com isso surgiu uma nova classe de trabalhadores a partir da pluriatividade e novas relações cidade campo.

Cidade Campo são construções sociais, espaços produzidos por diferenciadas relações sociais, por isso estão em constantes transformações. A relação entre Jacobina e a comunidade do Coxo de Dentro se deu de três formas: primeiro, com a realização da feira orgânica pelos produtores da agricultura familiar que vendem seus alimentos. Segundo, pelo grupo de jovens que trabalha no comércio de Jacobina. E terceiro, pelos sujeitos que decidiram ir morar no campo, ou como segunda residência. Esse é a nova roupagem da imbricação campo cidade, rural urbano, e as possíveis funções e produções desses espaços, a exemplo da pluriatividade, elemento que vem ganhando mais espaço no Brasil, a exemplo do Coxo de Dentro.

Dentre tantos fatores que fazem parte das imbricações campo cidade, para os moradores entrevistados, Jacobina significa para eles o lugar do emprego, pois, trabalhando lá eles não precisam deixar de morar na comunidade. O campo é o lugar do descanso, da tranquilidade, da recreação dentre outros, neste, as pessoas da cidade usufruem passando finais de semana e feriados, alguns decidiram morar lá e trabalhar todos os dias na cidade.

O resultado da relação Jacobina Coxo de Dentro significou uma grande valorização do campo, e, isso tem contribuído também para as populações rurais não se sentirem ignorantes inferiores às pessoas da cidade, servindo para perceber que fazem parte de uma mesma sociedade. Assim como na reafirmação das identidades rurais, isto é, para as populações rurais, que foram vítimas de estereótipos que desvalorizavam o campo.

Durante todo o trabalho foi possível perceber por meio das observações à Comunidade a presença das urbanidades (elementos da cidade presente no campo, bem como o modo de vida, objetos, costumes etc.), sem que aconteça sua total descaracterização. Nessa perspectiva, a relação entre os dois espaços reafirma a ideia de continuum rural urbano, abordada durante o trabalho, fundamentada na visão de Bagli (2006). Mostrando que o campo e a cidade são partes de uma mesma totalidade. Diante disso, percebemos que essas duas categorias desenvolvem relações de trocas e funções, isto é, os atributos do urbano transcendem a cidade e adentra os espaços rurais.

O resultado desse trabalho nos possibilitou perceber a importância de contribuir na construção de um entendimento que atente para o desenvolvimento do campo a partir do potencial que nele existe. Começando pela manutenção das identidades rurais, por meio de iniciativas coletivas, instigando pensamentos construtivos, estimulando debates e quem sabe elaborar junto ao município, ou iniciativa privada projetos para fortalecer e ampliar a produção dos derivados do babaçu, assim como, criar outros espaços de recreação a exemplo de um campo de futebol que lá já existe.

Cidade Campo são construções sociais, espaços produzidos por diferenciadas relações sociais, por isso estão em constantes transformações. Essa relação acontece através da feira orgânica, dos jovens que trabalham no comércio de Jacobina, e pelos sujeitos que decidiram ir morar na comunidade ou passar finais de semana.

As transformações que ocorreram na comunidade não a torna urbana, ela passa a assumir algumas características urbanas, mas não perde suas especificidades de rural. Todavia, as mudanças trouxeram impactos positivos e negativos. Pois, os moradores fazem parte de uma comunidade tradicional em que as pessoas ainda conservam a vida simples do campo, e o sossego que para eles significa qualidade de vida, viver com saúde e em harmonia com a natureza.

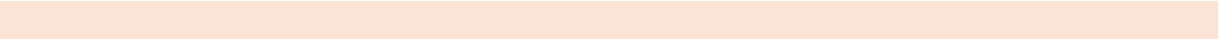
Muito embora as mudanças que vem ocorrendo dentro da comunidade a exemplo da valorização do campo por meio da especulação imobiliária, da pluriatividade, que

gerou novos serviços e fontes de renda ainda que baixa para algumas famílias. Ao passo que isso é bom, ao mesmo tempo significa perda na tranquilidade da vida campestre, no sossego que os moradores sempre prezaram. Desta forma, para alguns moradores, as mudanças foram boas, para outras não.

No tocante a especulação imobiliária, foi possível perceber a necessidade de a administração pública ser mais efetiva, pois esse aumento implica saneamento básico, seguir o que está no PDDU de Jacobina (o qual se encontra desatualizado) para saber como organizar, a comunidade, como as construções estão sendo feitas, fiscalizar se estão respeitando os limites ambientais, assim como investir na melhoria da estrada de acesso à comunidade.

A partir desse trabalho foi possível perceber que mesmo as famílias trabalhando na agricultura familiar, (feira orgânica), na extração do coco babaçu, e os jovens trabalhando na cidade, ainda assim é muito baixa a renda mensal dessas famílias. Diante disso, uma possível alternativa seria o poder público ou da iniciativa privada fazer mais investimento na atividade do extrativismo de forma a agregar mais valor a esta espécie nativa do Coxo de Dentro que ainda é pouco explorada comercialmente.

E assim, esperamos que a partir desse trabalho a produção de babaçu possa ser mais valorizada e que os produtos possam ganhar maior destaque e espaço no mercado consumidor sempre comprovando qualidade e eficácia gerando mais emprego e renda para as famílias que trabalham nessa atividade.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0702.pdf. Acessado em: 26/11/2017.

ALENTEJANO, Paulo Roberto. **As relações campo-cidade no Brasil do século XXI**. In: Revista Políticas Públicas, v.7, nº2, p. 303-325, ano 2015. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3749/1806>. Acessado em: 26/11/2017.

Associação Comunitária dos Moradores e Agricultores do Cocho de Dentro (ACMACD) Babaçu por uma vida melhor!!! Site oficial. Disponível em: <http://associacaocochedentro.blogspot.com.br>. Acessado em: 01/12/2017.

BAGLI, Priscila. **Rural e urbano**: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão e WHITACKER, Arthur Magon (orgs.). *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 248p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2013.

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidade**: novas identidades em construção. Estudos Sociedade e Agricultura, nº11, out. 1998, p. 53-75. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>. Acessado em: 26/11/2017.

CORRÊA, Roberto Lobato, et al. **O espaço urbano**. Ática, 1989.

CRUZ, Maria Clara da. **O conceito de formação espacial**: sua gênese e contribuição para a geografia. GEOgraphia, v. 5, n. 9, 2003. Disponível em: <http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/116/113>. Acessado em: 26/11/2017.

GARCIA, Luís Alberto Ferreira; SOUZA, Mariângela Alice Pieruccini; CORRÊA, Walquíria Krüger Corrêa. **Urbanidades e ruralidades**: uma nota sobre o município de Cascavel no Paraná. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, VII, 2008. Anais... Campus Cascavel-PR, 2008. p. 1-12. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12783372/urbanidades-e-ruralidades-uma-nota-sobre-unioeste>. Acessado em: 26/11/2017.

GERALDO Inácio Martins e Ângela Fagna Gomes de Souza **A relação campo e cidade**: novas urbanidades e ruralidades, definições e (re) definições CAMINHOS DE GEOGRAFIA Uberlândia v. 11, nº 36, dez. 2010 – Revista online. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html> ISSN 1678-6343. Acessado em: 26/11/2017.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. São Paulo: Record, 1997.

GOMES, Almira Ferraz: **O outro no trabalho**: mulher e gestão. In: Revista de Gestão USP, São Paulo, v.12, n.3, p. 1-9, jul./set. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rege/article/view/36522/39243>. Acessado em: 26/11/2017.

IBGE. Panorama Geográfico do município de Jacobina. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jacobina/panorama>. Acessado em: 26/11/2017.

LEFÈBVRE, Henry. **O direito à cidade**. 5ªed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina 2015.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. **Terra livre**, v.19, p. 95, 112, ano 2002. Disponível em: <https://xa.yimg.com/kq/groups/26292119/1083379436/name/O+conceito+de+espau00E7o+rural+em+questu00E3o+-+MARQUES.pdf>. Acessado em: 26/11/2017.

MARTINS, Geraldo Inácio Martins Inácio; DE SOUZA, Angela Fagna Gomes. **A relação campo e cidade**: novas urbanidades e ruralidades, definições e (re) definições. Caminhos de Geografia, v. 11, n. 36, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16249/9127>. . Acessado em: 26/11/2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf. Acessado em: 26/11/2017.

NORONHA, Elias Oliveira. HESPANHOL, Rosângela Aparecida Medeiros. **Transformações em curso no espaço rural: algumas reflexões a partir do conceito de ruralidade**. In: **Revista Geografia em questão**, v.2, p. 82-92, ano 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/3183/2521>. Acessado em: 26/11/2017.

ROSA, Lucelina Rosseti; FERREIRA, DA de O. **As categorias rural, urbano, campo, cidade: a perspectiva de um continuum**. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Cidade e Campo**: Relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 187-203.

RUA, João. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. In: **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 2, p. 45- 46-66, 57-58 2010. Disponível em: <http://www.anpege.org.br/revista/ojs-2.4.6/index.php/anpege08/article/view/81/41>. Acessado em: 26/11/2017.

_____. **Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades**. In: **Revista de Geografia Agrária**, v.1, n.1, ano 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/viewFile/11781/6895>. Acessado em: 26/11/2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Sociedade e espaço: formação espacial como teoria e como método**. In: Boletim Paulista de Geografia, n. 54, ano 1977. Disponível em: http://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/08/sociedade-e-espaco-a-formacao-social-como-teoria-e-com-metodo_MiltonSantos_1977.pdf. Acessado em: 26/11/2017.

_____. **O dinheiro e o território**. GEOgraphia, v.1, n.1, p. 7-13, ano 2009. Disponível em: <http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/viewFile/2/2>. Acessado em: 26/11/2017.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade**. In: Estudos sociedade e agricultura, v.1, ano 2013. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2014/06/Texto-6.pdf>. Acessado em: 26/11/2017.